

## Uma era de pós-privacidade (Uma resenha do filme “O Círculo”)

Henrique Werner Johnen<sup>1</sup>

*The Circle* é uma das empresas mais poderosas do planeta. Atuando no ramo da Internet, é responsável por conectar os e-mails dos usuários com suas atividades diárias, suas compras e outros detalhes de suas vidas privadas. Ao ser contratada, Mae Holland (Emma Watson) fica muito empolgada com possibilidade de estar perto das pessoas mais poderosas do mundo, mas logo ela percebe que seu papel lá dentro é muito diferente do que imaginava. Funcionária de uma companhia tecnológica vive um dilema moral ao se envolver em um projeto que deixa vulneráveis os limites de privacidade de usuários.

Trata-se de um filme de longa-metragem, com classificação indicativa no Brasil de não recomendado para menores de doze anos de idade, distribuído pela Imagem Filmes e com um orçamento estimado em 18 milhões de dólares.

Apesar de ser classificado originalmente como um filme de ficção científica, grande parte da crítica o coloca na estante dos dramas, sendo essa classificação dupla pertinente.

A produção ficou a cargo de Anthony Bregman, Gary Goetzman, Tom Hanks e James Ponsoldt. O roteiro é de James Ponsoldt e Dave Eggers. Aliás, o diretor James Ponsoldt é um cineasta americano de 40 anos de idade e 5 de carreira, que dirigiu os filmes dramáticos *Off the Black* e *Smashed*, a comédia dramática romântica *The Spectacular Now* e o drama *The End of the Tour*. Assim, temos que sua obra mais recente, *O Círculo* veio coroar sua trajetória que permeia o drama e a ficção, baseado num romance de longo alcance.

A mente reflexiva da tomada de direção do filme levou a crítica a diversas classificações do mesmo, sendo que é possível encontrar críticas a favor e contra o filme em questão, ao passo que temos que se trata de um filme no qual a maioria não compreende sua profundidade filosófica, ficando na expectativa de um filme tecnológico e dramático comum.

O tratamento dado ao tema fica explícito e compreensível, sendo o título uma referência a uma empresa de tecnologia, remetendo ao problema que todos temos hoje perante as redes sociais: tanto a segurança, como a privacidade, ambos princípios regentes do Estado brasileiro na esteira dos garantidos direitos universais. A relação da protagonista com o lugar onde trabalha, “O Círculo” é de subserviência sufocante que pode ser classificado como a síntese do caminho pelo qual as relações de trabalho estão se encaminhando, numa verdadeira distopia que parece já nos ter atingido. Há a presença de outros personagens como o ex-namorado, a amiga bem-sucedida e os pais, sendo que o pai afetado por esclerose múltipla.

Sua relação com o emprego é a base para a trama, que envolve conflitos dela própria com a família, a vida pessoal (acidente num barco e perda de entes queridos). A relação de altos e baixos da protagonista com, digamos, seu emprego que se torna sua própria vida, é o mote para a discussão filosófica central da trama. Que a partir de uso de câmeras vê sua vida e de seus familiares e amigos expostas para qualquer pessoa para qualquer parte do mundo. Mae, a protagonista do filme, muda de opinião algumas vezes numa ânsia de fazer o politicamente e eticamente correto, após os incidentes com os pais e com a morte do amigo, ex-namorado, Mae e Ty (o criador do sistema usado pela empresa, e afastado das ações diretas)se

---

<sup>1</sup> Aluno do curso de Tecnologia em Sistemas para Internet da Faculdade de Tecnologia de Araras. E-mail: henriquew@gmail.com

unem para expor o que realmente era o objetivo da empresa e, assim, desmascaram os donos da empresa.

O autor dialoga sobre as fronteiras entre o público e o privado e a trama conecta o público (alvo) brasileiro com a personagem de Emma Watson no sentido de que ela consegue um emprego dos sonhos, e acaba decolando na carreira, conseguindo uma vida muito ligada à empresa em que trabalha e os negócios da mesma, de maneira quase que submissa, porém perante uma gigante da internet, que seria o sonho de muitos jovens.

Entrando especificamente nos parâmetros de análise de figurino, cena e fotografia, o filme registra a continuação do trabalho do diretor iniciada e aperfeiçoada desde *Shameless* (2014), quando verificamos a genialidade na arte de escolha e tomada de ângulos para caracterizar o poder, a ascensão e a existência psicológica da cena e dos personagens envolvidos.

Daí, entra a salvaguarda de um grande elenco, com destaque para Tom Hanks, que aparenta genialidade na trama, à guisa de grandes e notáveis figuras atuais da tecnologia e redes sociais, como Mark Zukemberg (*FaceBook*) e Steve Jobs (*Apple*).

A ideia de fotografia, cena, figurino, aliada à proposta temática, tem seu auge quando se coloca para o espectador a questão primordial de se obter a democracia plena, por meio da real transparência das relações humanas. Esse é o mote do filme. Até o final da trama verificamos que todos conseguiam enxergar a todos de forma indistinta, excetuando-se o poder de verificar o próprio controlador do sistema, remetendo à nossa realidade política dominante através dos séculos, e tornando o filme atemporal nesse sentido.

Por isso verificamos que o público alvo, especialmente aqueles que pretendem compreender o que há por trás do divertimento das redes sociais atuais, a saber, jovens entre 25 e 35 anos de idade, realmente será atingido e compelido à reflexão, dando lugar ao propósito segundo do filme, já que consideramos que o propósito primordial, apesar de ser uma arte, é o comercial.

A crítica fica por conta da linguagem aparentemente limitada para dialogar com o público mais jovem, já que a tecnologia atual, em termos de comunicação e redes sociais, ultrapassa os limites da plataforma estruturada à base de um *FaceBook* ou de plataformas Apple. Assim, tocaria muito mais fundo à alma do público alvo se víssemos no cenário construído como futurista, mas atual, o surgimento de novos meios sociais no âmbito da tecnologia da informação.

Não apenas *Twitter*, *Instagram*, *YouTube*, *WhatsApp*, *Snapchat*, *Wechat*, *FaceBook Messenger* etc. poderiam haver sido melhor explorados, como também o próprio gênero da ficção científica que quebra muros e barreiras para o cenário futurista proposto. A questão mercadológica do ser humano também mereceu crítica, no sentido de separar por idade a condição que cada um tomou na trama, sendo que haviam os mais novos e os mais velhos (na empresa e na família da personagem Mae). Assim, exclui-se que todos se tornam a mercadoria quando o produto é grátis, sendo este o grande mote das relações sociais via internet.

Mas isso não é um problema insanável no filme, quando levamos em conta o seu viés político-democrático, libertário e filosófico, que agrada esta crítica. Observamos que é preciso discutir os limites do alcance das redes na vida das pessoas, diminuindo o abismo entre vida real e vida virtual, sendo certo que os entendedores entenderão, como diriam jovens nascidos há menos de duas décadas. Recomendado por esta crítica.

O Círculo mostra como a recente necessidade humana de estar na internet, ser curtido, compartilhado e amado nas redes sociais pode nos afetar na vida real.

**Dados técnicos do filme:**

Título em português: O Círculo

Faixa etária recomendada: 12 anos

Duração: 1h 50m

Data de lançamento: 22 de junho de 2017 (Brasil)

Direção: James Ponsoldt

Produção: Tom Hanks, James Ponsoldt, Gary Goetzman, Anthony Bregman, John Boyega mais

Gêneros: Suspense, Drama, Ficção científica

Nacionalidades: EUA, Emirados Árabes Unidos

Tipo de filme: longa-metragem

